

Brasil, Portugal, Europa: género e acesso móvel à internet por crianças e adolescentes

Cristina Ponte

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Introdução

Resultados da primeira onda do inquérito *TIC Kids Online*, realizada na Primavera de 2012 no Brasil, e do inquérito europeu *EU Kids Online*, realizado dois anos em 25 países, evidenciaram que entre as crianças e adolescentes que acediam à internet nas duas geografias havia, em regra, padrões comuns de uso. Como se assinalou no relatório que comparou Brasil e Europa (Barbosa e outros, 2013), estas semelhanças apontam uma cultura e uma socialização digital transnacional que não ignora, contudo, contextos e recursos nacionais e mesmo regionais. A partir de um olhar externo e tendo presente pesquisa europeia em curso, este texto revê sumariamente resultados de 2012 para enquadrar a segunda onda *TIC Kids Online*. A sua atenção centra-se no *género*, marca central de identidade, e na *mobilidade* dos meios de acesso.

Em 2012, estimou-se que 60% das crianças e adolescentes (9-16 anos) acediam à internet, numa tendência de crescimento acentuado que as estatísticas do CETIC tinham vindo a apresentar. Na localização dos meios de acesso, o Brasil estava à frente da média europeia de 2010 nas *lanhouses* (35% para 12%) e no *acesso em movimento*, através do celular (18% para 8%). O contraste entre estes dois pontos ilustra a diversidade da sociedade brasileira nas dinâmicas de penetração do digital.

Com 21% de referências, o celular ocupava a segunda posição entre os meios de acesso, a seguir ao computador de mesa (PC) partilhado com a família, referido por 38% das crianças e adolescentes. Ultrapassava o PC pessoal (20%) e deixava longe os *laptops/notebooks*, do próprio ou partilhados, na casa dos 9-10%, as novidades digitais da primeira década do novo século. Como noutros países onde a penetração digital

ocorreu mais tarde, crianças e adolescentes brasileiros entravam na internet através de celulares, meios móveis, leves, personalizados e em rede.

Estes resultados de 2012 diferem do que se destacara em Portugal, em 2010. Políticas de incentivo à posse de computadores portáteis por parte de estudantes - com grande adesão das famílias, nomeadamente as de menores recursos para as quais essa política constituiu uma oportunidade - colocaram as crianças e adolescentes portugueses na liderança europeia no acesso à internet por essa via.

Os portáteis usados pelas crianças portuguesas eram sobretudo os pequenos computadores *Magalhães*. Destinados a faixas etárias dos seis aos 11-12 anos, inseriam-se no programa *e-escolinha*, do Plano Tecnológico para a Educação, que terminaria em 2012. Foi também em 2012 que os *tablets* e sobretudo os *smartphones* se afirmaram a uma escala mundial, tendo-se tornado os mais almejados objetos tecnológicos entre crianças e adolescentes. Hoje, os *Magalhães* são uma raridade nas escolas, e em casa muitas crianças dessa geração substituíram-nos por dispositivos móveis, mais potentes, mais rápidos e menos associados à infância (Ponte, no prelo).

No Brasil, os resultados de 2012 confirmam que infraestruturas e condições económicas importam no acesso à rede através de meios móveis. No Norte e no Centro Oeste a percentagem de crianças e adolescentes que acediam à internet através do celular chegava a 39%, para 13% no Nordeste. As crianças das classes AB e C acediam mais à internet através de dispositivos móveis do que as das classes DE (respetivamente 20%, 18% e 11%). A proporção do acesso por celulares crescia com a idade.

Para este artigo quisemos saber como é que a dimensão de género se refletiu nos acessos a meios digitais no Brasil por parte de crianças e adolescentes a partir do olhar que tínhamos sobre resultados portugueses, onde encontrámos claras diferenças entre meninos e meninas. Quisemos também averiguar as atividades realizadas por parte de quem dispõe ou não de recursos móveis, confrontando resultados com pesquisas em curso na Europa.

Meninos e meninas a aceder à rede

A distribuição da amostra de 2012 por sexo foi equilibrada: 49% dos respondentes do inquérito eram do sexo masculino e 51% eram do sexo feminino. Cruzando a distribuição por sexo (M e F) com dois grupos etários, o Quadro I revela diferenças nas formas como meninos e meninas do Brasil acedem aos meios digitais.

Quadro I:

Brasil: meios de acesso à internet por sexo e idade (2012) (%)

Meios de acesso	M 9-12	F 9-12	M 13-16	F 13-16
<i>Equipamentos no lar</i>				
Computador de mesa partilhado	41	33	40	39
Celular	10	16	30	29
Computador de mesa que é seu	15	22	22	21
Laptop/notebook que é seu	6	8	12	11
Laptop/notebook partilhado	10	8	11	8
Videogame/Playstation	2	3	5	4
Tablets	2	1	4	1
Televisão	0,5	1	1	2
<i>Outros equipamentos</i>	17	15	18	16

Fonte: TIC Kids Online 2012

Nos lares, verifica-se uma nítida diferença dos meios de acesso nos dois grupos etários. Entre os mais novos (9-12 anos) há uma maior associação das meninas a meios que reportam como seus: o computador de mesa, o celular, o computador portátil e até mesmo a consola de jogos. As diferenças percentuais face aos meninos dessa idade são na ordem dos cinco-seis pontos no caso do computador de mesa e do celular, os meios de acesso mais referidos. Os meninos de 9-12 anos lideram na referência a acessos através de meios partilhados, sobretudo o computador de mesa. Esta diferença acentuada nos meios de acesso não se verifica entre adolescentes, onde os valores apresentam uma ligeira vantagem para o masculino.

Entre equipamentos não disponíveis no lar, as diferenças são também reduzidas, com ligeira vantagem do sexo masculino, em mais novos e mais velhos.

Os resultados sugerem que o *género* importa nos meios de acesso à rede vividos no final da infância. É como se as meninas brasileiras de 9-12 anos pressionassem mais os seus pais para terem meios próprios para aceder em casa, e conseguissem melhores resultados nessa demanda do que os meninos da mesma idade. Fica registada a hipótese.

Por seu lado, os resultados portugueses de 2010 revelam tendências diferentes por género, como se pode ver no Quadro II. O acesso a portáteis distribuía-se equitativamente, possível consequência de políticas de incentivo ligadas à escola e à educação. Entre os mais novos, os meninos lideravam no acesso por computadores e consolas, enquanto as meninas lideravam ligeiramente no acesso pelo celular, outros dispositivos móveis e pela televisão. Entre os adolescentes, verificava-se claro predomínio do sexo masculino em todos os meios de acesso.

Quadro II

Portugal: meios de acesso à internet por sexo e idade (2010) (%)

	M 9-12	F 9-12	M 13-16	F 13-16
Portátil pessoal	62	63	68	68
Computador de mesa partilhado	42	36	47	37
Portátil partilhado	36	30	39	36
Computador de mesa pessoal	31	30	37	33
Telemóvel (celular)	26	28	40	32
Aparelho TV	29	33	30	23
Consola	30	17	37	15
Outros dispositivos móveis	3	5	13	7

Fonte: EU Kids Online, 2010

As mediações parentais nos usos da internet também revelaram diferenças. As meninas afirmavam falar mais frequentemente com os pais, em ambas as idades, e os meninos pareciam ser ligeiramente mais encorajados a explorar a internet. Sobretudo entre os mais novos, actividades que implicavam partilha directa ou co-presença dos pais eram também mais acentuadas nos rapazes (Simões, 2012). Para políticas de educação e de comunicação com as famílias, poderia ser interessante averiguar as mediações parentais no Brasil, em particular entre as crianças mais novas.

Recursos para actividades na rede

Os resultados brasileiros de 2012 destacaram a elevada referência ao uso da internet para aceder a redes sociais por parte de crianças e adolescentes (em segundo lugar, depois da referência aos trabalhos de casa). Cerca de 68% acediam a redes sociais, e 53% visitavam uma rede social diariamente ou quase todos os dias e trocavam mensagens instantâneas com amigos e contactos. Outras actividades de comunicação

estavam entre as mais frequentes: colocar uma mensagem num *site* ou enviar e receber correio eletrónico recolhiam 39%. Em sexto lugar em frequência surgia o visionamento de vídeo clips (37%) e em sétimo apareciam os jogos (35%). A tónica brasileira sugere uma cultura digital fortemente ligada à comunicação.

O Quadro III apresenta a percentagem da realização diária ou quase diária de algumas das atividades inquiridas, no Brasil e em cinco países europeus (Dinamarca, Irlanda, Itália, Reino Unido e Roménia) que participam no projeto *Net Children Go Mobile*¹.

Quadro III

Brasil e média de cinco países europeus: comparação de atividades diárias ou quase diárias (%)

Actividades	Brasil, 2012	Média de 5 países europeus 2013
Frequentar redes sociais	53	58
Trocar mensagens instantâneas	53	48
Baixar músicas e filmes	44	23
Colocar mensagens em sites e blogues	39	16
Ver vídeo clips	37	56
Jogar online	32	35
Fazer trabalhos escolares	13	35

Fonte: *TIC Kids Online 2012*; *Net Children Go Mobile* (Mascheroni e Ólafsson, 2014)

Nas duas geografias, a liderança em frequência diária pertence a atividades de comunicação: cerca de metade refere frequentar redes sociais e trocar mensagens instantâneas). Por sua vez, os jogos são apontados por cerca de um terço dos usuários, de um lado e de outro, como atividade muito frequente. Nas restantes atividades há variações, nomeadamente entre práticas de apropriação (descarregar conteúdos), mais frequentes no Brasil e de visionamento *online*, referidas por mais de metade, na Europa. Entre as atividades mais frequentes nos cinco países europeus aparecem os trabalhos para a escola (35%), que foram referidos por 13% dos respondentes brasileiros.

¹ Projeto financiado pelo Programa Europeu Safer Internet Plus, da Comissão Europeia, que envolveu inicialmente quatro países Dinamarca, Itália, Roménia e Reino Unido. Outros três países, Portugal, Irlanda e Bélgica, juntaram-se mais tarde, com financiamento próprio. O projecto combina um inquérito representativo nacional com pesquisa qualitativa (entrevistas e grupos de foco a crianças e adolescentes, pais e professores). No momento em que se escreve este texto decorre o trabalho de campo em Portugal e na Bélgica. Mais informação em <http://www.netchildrengomobile.eu/>

De referir que duas das opções mais escolhidas no inquérito do projeto europeu, realizado em 2013, não surgiram no brasileiro, de 2012: *Ouvir música* apareceu em segundo lugar (57%); *Procurar informação que satisfaça a curiosidade* apareceu em sexto (34%). Também desapareceu da lista europeia o correio eletrónico, bastante presente no Brasil em 2012.

Uma das questões deste projeto europeu é averiguar se, pela expansão potencial do leque de oportunidades, a internet móvel está a promover um reportório específico de atividades de comunicação e de entretenimento, relegando para plano secundário atividades de dimensão educativa. Como se lê no seu relatório, “procura-se compreender e distinguir a experiência da internet através de meios móveis - nomeadamente os *smartphones*, da experiência vivida com o computador de mesa em termos de oportunidades e de riscos” (Mascheroni e Ólafsson, 2014, p. 4). Os resultados recolhidos indicam que quem possui esses aparelhos digitais se envolve mais em atividades numa base diária, sem que isso signifique que apenas use esses meios para aceder à rede.

Que nos dizem os resultados do inquérito brasileiro de 2012 sobre quem pode aceder por meios móveis e quem não tem a possibilidade desse acesso? O Quadro IV apresenta a distribuição das atividades entre os 9-12 anos e os 13-16 anos.

Quadro IV:

Brasil: Uso e não uso de meios móveis de acesso à internet por idade (2012) (%)

<i>Atividades/Meios móveis</i>	09-12 anos		13-16 anos	
	<i>Usa</i>	<i>Não usa</i>	<i>Usa</i>	<i>Não usa</i>
Trabalho escolar	74	77	83	88
Visitar redes sociais	73	53	87	75
Assistir a vídeos	79	56	77	71
Jogar com outros na internet	47	61	45	51
Usar mensagens instantâneas	60	37	71	64
Enviar e receber e-mails	46	32	69	61
Baixar músicas ou filmes	39	26	74	53
Ler/assistir a notícias	33	26	66	52
Postar fotos, vídeos ou música	36	24	62	51
Visitar um mundo virtual	33	14	20	16

Criar um personagem, avatar	29	15	19	15
Usar uma câmara web	10	10	22	15
Visitar uma sala de bate-papo	10	8	21	12
Usar sites de partilha de arquivos	0,04	3	13	8

Fonte: TIC Kids Online 2012

Apenas duas das 14 atividades da lista foram mais reportadas por quem não tinha meios móveis de acesso: usar a internet para trabalhos escolares e jogar com outros. Em termos de género e idade, as maiores diferenças entre atividades encontram-se entre as crianças de 9 a 12 anos que dispõem ou não de meios móveis – e onde meninas têm mais acesso a esses meios, como vimos. As diferenças percentuais por género relativas a visitas a redes sociais, ao visionamento de vídeos e ao envio de mensagens instantâneas são maiores neste grupo etário do que no dos adolescentes.

Entre adolescentes, onde as variações no acesso são reduzidas, como vimos, as maiores diferenças entre quem dispõe ou não de meios móveis ocorrem em atividades como baixar músicas e filmes e procurar seguir notícias, muito mais realizadas pelos que têm meios móveis.

A fechar, abrindo

Com as cautelas que uma análise apenas quantitativa exige, as diferenças que identificámos entre os meios de acesso por parte das crianças e adolescentes do Brasil comparativamente a Portugal e entre os dois grupos etários desafiam a pensar questões relacionadas com a construção de *género* desde a infância. Sem excluir a atenção a desigualdades estruturais de ordem socioeconómica, será enriquecedor para o conhecimento olhar mediações familiares, da sociedade e da cultura brasileira em relação a meninos e meninas, sobretudo entre os mais novos, na construção da sua identidade. De notar que as questões de género têm vindo a adquirir crescente visibilidade a nível internacional nas questões sobre acessos, usos, riscos e oportunidades da internet (entre outros, Tsatsou et al., 2009; Livingstone et al., 2013; Mascheroni e Pasquali, 2013; Mesch, 2013).

Em 2014, a segunda onda do inquérito *TC Kids Online* vai coincidir com a atualização dos dados portugueses sobre acessos e usos das redes, por via da participação do país no projeto *Net Children Go Mobile*, permitindo dispor de resultados representativos longitudinais nos dois países. Outra frente a integrar neste conhecimento importa vem da própria voz de meninos e meninas: como vivem o seu acesso ao digital, como experimentam as suas oportunidades e como lidam com os seus riscos. A colaboração entre pesquisadores portugueses e brasileiros tornou possível o primeiro projeto comum que explora estas dimensões qualitativas nos dois países, o projeto *TIC Kids Online Brasil-Portugal*, coordenado por Inês Vitorino, da Universidade Federal do Ceará, no Brasil, e por mim própria, em Portugal.

Para além da Comunicação e da Educação, o olhar da sociologia da infância também poderá densificar a leitura de resultados, num conhecimento indispensável para a formulação de políticas de inclusão e participação digital.

Referências

Barbosa, A.; B. O'Neill; C. Ponte; J.A. Simões; T. Jereissati; 2013. "*Risks and safety on the internet. Comparing Brazilian and European results*", 28 pp. Londres: LSE.

<http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/Brazil-report-21nov-final.pdf>

Livingstone, S., L. Haddon, Görzig, A., Eds. (2012). *Children, risk and safety on the internet*. Bristol, Policy Press.

Mascheroni, G.; K. Ólafsson (2014). *Net children go mobile. Mobile internet access and use among European children. Initial findings of the Net Children Go Mobile Project*. Milano.

Mascheroni, G.; F. Pasquali (2013). "Dress up and what else? Girls' online gaming, media cultures and consumer culture." *CM - Communication Management Quarterly* **29**: 79-101.

<http://scindeks.ceon.rs/article.aspx?artid=1452-74051329079M&redirect=ft>

Mesch, G. S. (2013). Internet media and peer sociability. *The Routledge International Handbook of Children, Adolescents and Media*. D. Lemish. London, Routledge: 287-294.

Ponte, C. (no prelo). De costas voltadas? Escolas e práticas digitais de crianças (8-12 anos). In *Mídia-Educação: iniciativas do Brasil, Portugal e Espanha.*, ed I. Eleá Santiago. Gotemburgo: Nordicom, International Clearinghouse on Children and Media.

Simões, J. A. (2012). Mediações dos usos da internet. Resultados nacionais do inquérito EU Kids Online. *Crianças e Internet em Portugal*. C. Ponte, A. Jorge, J. A. Simões e D. Cardoso. Coimbra, MinervaCoimbra: 121-143.

Tsatsou, P.; P. Pruulman-Vengerfeld; M-F Morru (2009). Digital Divides. *Children online*. S. Livingstone e L. Haddon. Bristol, Policy Press: 107-117.